

JEITINHO BRASILEIRO: ADAPTAÇÃO CULTURAL DE ESTUDANTES INTERCAMBISTAS EUROPEUS DA PUC-RIO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2025.001-040>

Adriana Ferreira de Sousa

Doutora em Letras - Estudos das Linguagens e Coordenadora-professora de Português como segunda língua para Estrangeiros
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio, Brasil.

Nadja de Abreu Carvalho

Advogada
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio, Brasil.

Maria Carolina de Moraes

Nutricionista
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio, Brasil.

Flavia Friedrich Braun

Publicitária graduada em comunicação social e especialista em Marketing
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio, Brasil.

Giovanna Mendes Vianna

Aluna do Curso de Bacharel em Psicologia da PUC-Rio;
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio, Brasil.

Larissa Maria David Gabardo-Martins

Professora Doutora do curso de Psicologia da PUC-Rio.
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-Rio, Brasil.

RESUMO

O Jeitinho Brasileiro é uma estratégia social peculiar brasileira de adaptação, envolvendo dimensões como a corrupção, criatividade e quebra de normas sociais. O objetivo desta pesquisa foi buscar evidências que demonstrem qual o grupo de estudantes intercambistas europeus apresenta maior proximidade com o jeitinho brasileiro. Participaram desta pesquisa 53 estudantes intercambistas europeus da PUC-Rio, sendo 32 de origem de língua românica e 21 de anglo-saxônica. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a Escala do Jeitinho Brasileiro. Os dados dos testes de comparação de amostras independentes revelaram que não houve diferença significativa entre os grupos, mesmo que as médias dos países de língua de origem românica tenham sido mais altas. Entretanto, esse resultado pode ter sido influenciado pelo N amostral insuficiente, e pelo fato de mais alunos franceses terem participado da pesquisa. Dessa forma, pesquisas futuras devem ser realizadas para diversificar a literatura.

Palavras-chave: Jeitinho brasileiro. Adaptação cultural. Intercâmbio. Línguas.

1 INTRODUÇÃO

A expressão *jeitinho brasileiro* refere-se a uma maneira tipicamente brasileira, improvisada e informal de resolver um problema prático através de uma solução criativa e que esteja fora das normas sociais (Barbosa, 1992). Sob essa perspectiva, é comum o uso de frases como “quebrar um galho”, “boa vontade”, “jogo de cintura”, “uma mão lava a outra”, ou “só não há remédio para a morte”. De acordo com Flach (2012), este comportamento cultural é considerado uma fórmula de adaptação do povo brasileiro às condições e heranças históricas.

Outro aspecto importante é que o fenômeno do “jeitinho brasileiro” possui raízes culturais profundas, originadas na época colonial, em que os colonizadores portugueses instituíram um sistema de trocas de favores denominado *compadrio*, emergindo, assim, como uma resposta à estrutura social hierárquica e às leis e normas muitas vezes arbitrárias, impostas pela elite portuguesa. A necessidade de encontrar soluções criativas para lidar com essas restrições levou ao desenvolvimento de uma cultura de flexibilidade e adaptabilidade, onde as regras formais eram frequentemente contornadas por meio de relações pessoais e favores. Esse sistema perpetuou-se ao longo dos anos, integrando-se à cultura brasileira (Barbosa, 1992).

Os antropólogos DaMatta (2005) e Barbosa (1992) afirmam que o *jeitinho brasileiro* pode ter um valor ambíguo, podendo ser visto de forma positiva, associado ao lado cordial e simpático dos brasileiros, como um povo alegre e brincalhão, afetivo, tropical e extrovertido. Ou de forma negativa, caracterizado por traços de desconfiança ou até de corrupção. O juízo negativo revelaria uma certa descrença das normas brasileiras e mais do que “um *jeitinho*”, tem-se, neste caso, um “favor” que sugere uma troca de ações e uma relação de dependência.

Segundo Barbosa (1992), a frase “por favor, o senhor não pode dar um *jeitinho*?” é uma das expressões mais utilizadas pela sociedade brasileira. A antropóloga também afirma que há uma distinção clara entre o “dar um *jeitinho*” e o “*jeitinho brasileiro*”. Para ela, o primeiro tem um caráter mais funcional, relacionado a um drama social, enquanto o segundo representa um elemento paradigmático de nossa identidade social. De todo modo, é preciso admitir que a definição precisa do *jeitinho* é extremamente difícil, pois são diversos os elementos contextuais que podem caracterizá-lo como favor, caso o discurso seja positivo, ou como corrupção, caso seja negativo.

Neste sentido, a autora afirma que o melhor seria estabelecer um *continuum* entre favor, *jeitinho* e corrupção, onde somente o contexto e o tipo de relação estabelecidos entre as pessoas podem definir o que ocorre de fato. O favor, por exemplo, não se pede, geralmente, a desconhecidos, mas o *jeitinho* independe do conhecimento para ser solicitado. O favor também sugere, muitas vezes, contextos mais formais, enquanto o *jeitinho* se configura em ambientes mais informais, quase sempre acompanhado de apelos às emoções e à pessoalidade. Esses apelos apresentam-se com simpatia, cordialidade e humildade. Sendo assim, a arrogância e o autoritarismo

não funcionam com o *jeitinho*, pois é preciso que se crie uma atmosfera de familiaridade, denotadoras de proximidade entre os envolvidos na situação. Barbosa (1992) cita expressões como “meu irmão”, “amigo”, “tio”, “compadre”, “querido”, “parceiro”, “companheiro”, entre outras, para ratificar a natureza informal da proximidade existentes nos contextos em que o *jeitinho* é utilizado.

Ferreira et al. (2011), por sua vez, sugerem que o *jeitinho* brasileiro se subdivide em três dimensões: corrupção, criatividade e transgressão de normas sociais. A corrupção foi definida como uso de meios ilícitos para obter vantagens pessoais, como suborno ou desvio de recursos. A criatividade, por sua vez, é uma dimensão constitutiva do *jeitinho* brasileiro e envolve a utilização de soluções inovadoras para resolver problemas com uma tendência de buscar interações positivas, sem necessariamente violar leis ou normas sociais.

Por fim, a quebra de normas sociais funcionaria como uma estratégia para resolver problemas, o que frequentemente implica na transgressão de normas sociais pré-estabelecidas, como furar filas ou usar conexões para obter tratamento preferencial. Esta prática é amplamente aceita como um mecanismo de interação social, principalmente, quando envolve a simpatia para minimizar o custo interpessoal de violar estas normas, evitando assim conflitos diretos (Ferreira et al., 2011). A população, em geral, reconhece que o uso dessa prática é moralmente questionável e que, idealmente, não deveria ser utilizada. Mesmo assim, há uma aceitação implícita de que a prática é amplamente difundida e realizada por praticamente todos. O *jeitinho* é uma estratégia sociocultural complexa com diferentes funções nos níveis individual e social, a qual pode ser usada para resolver problemas cotidianos, contornar regras e criar soluções criativas em diversas situações.

Apesar de o conceito do *jeitinho* ter sido desenvolvido com base em estratégias utilizadas pelos brasileiros (Ferreira et al., 2011), esse construto pode ser assimilado por estrangeiros que moram no país e têm uma grande convivência com os brasileiros. Um exemplo que pode ser citado são os estrangeiros europeus provenientes de países de língua românica, que vêm fazer intercâmbio estudantil.

A formação e o comportamento de uma sociedade estão ancorados na língua e na cultura. Estes dois pilares não são apenas ferramentas de comunicação, mas também os alicerces sobre os quais se constroem identidades, valores e relações sociais. A língua é um dos principais meios pelos quais as pessoas expressam suas ideias, sentimentos e experiências e vai além da transmissão de informações, molda a maneira como pensamos e percebemos o mundo. (Hofstede, 2010). Neste sentido, as formas de comunicação linguística funcionam como veículo da cultura, carregando tradições, histórias e sabedorias acumuladas ao longo do tempo (Geertz, 1973). Por meio dela,

práticas culturais são transmitidas de geração em geração, contribuindo para a coesão social e a identidade comunitária.

O conceito de jeitinho brasileiro, portanto, norteado historicamente pelas manifestações linguísticas, muito provavelmente preserva e mantém vivas particularidades pertencentes a um grupo linguístico de mesma origem. O fato de língua, cultura e comportamento estarem intrinsecamente ligados demonstra que o modo como uma sociedade lida com conflitos, celebra eventos importantes e interage com outras culturas é profundamente influenciado por sua própria cultura. (Flach, 2012).

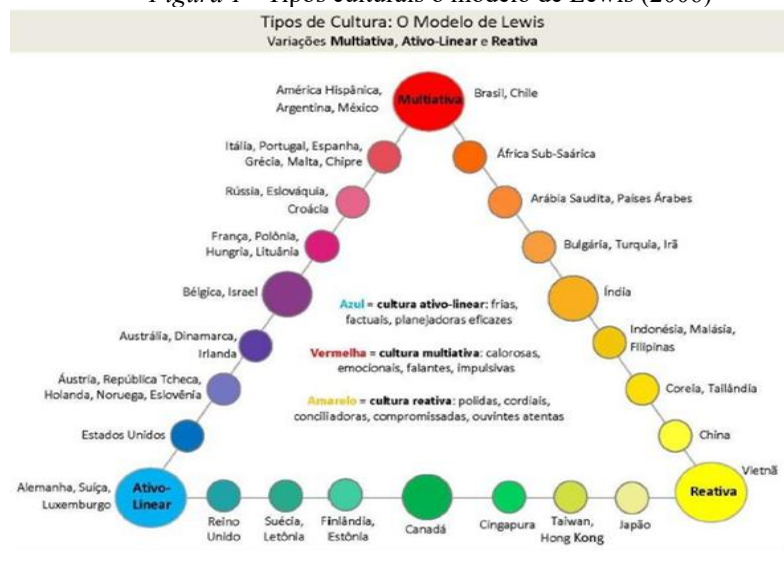
Segundo Hofstede (2010), sociedades que valorizam a coletividade, por exemplo, podem promover comportamentos de solidariedade e cooperação, enquanto aquelas que priorizam o individualismo podem incentivar a busca pelo sucesso pessoal. Em sociedades coletivistas, as pessoas tendem a priorizar o grupo e a cooperação, promovendo comportamentos solidários. Já em culturas individualistas, a ênfase está no sucesso pessoal e na autonomia, o que pode levar a uma maior competição e busca por conquistas individuais. Essas diferenças culturais influenciam não apenas as interações sociais, mas também as dinâmicas de trabalho, educação, relações afetivas, competições etc.

O pesquisador inglês Richard D. Lewis (2006) classifica as culturas em três categorias: multiativas, ativo-lineares e reativas. Indivíduos de culturas multiativas valorizam aspectos como família, hierarquia, relações interpessoais, emoção, eloquência, persuasão e lealdade. Esses valores, para o referido autor, se manifestam no comportamento social e profissional, e algumas características comuns dessas pessoas incluem serem falantes, questionadores e calorosos. O autor observa que a pontualidade e a adesão a horários não são prioridades para eles; embora tentem aparentar atenção a esses aspectos, na presença de indivíduos da cultura ativo-linear.

Por outro lado, os indivíduos de culturas ativo-lineares dão importância a fatos, planejamento, produtos, cronogramas e à relação entre ações e palavras, além de valorizar instituições e leis. Esses valores se refletem em suas vidas organizadas e planejadas, assim como em sua orientação profissional em diversos órgãos e associações. Lewis (2006) argumenta que pessoas de culturas ativo-lineares tendem a se concentrar em uma tarefa por vez, dedicando-se a realizá-la dentro de um tempo determinado.

Por fim, indivíduos de culturas reativas tendem a priorizar a intuição, a cortesia, as redes de contatos, obrigações mútuas, harmonia coletiva e a proteção da imagem. Essas características se manifestam em um comportamento social e profissional muito polido, marcado pela evitação de confrontos e pela busca de relações harmoniosas. Segundo Lewis (2006), as culturas reativas, ou culturas de indivíduos atentos, raramente iniciam discussões ou ações; preferem escutar e deixar que os outros se posicionem primeiro. A Figura 1 apresenta o modelo proposto pelo autor.

Figura 1 - Tipos culturais o modelo de Lewis (2006)



Fonte: Lewis, 2006, p.46.

É possível observar na Figura 1 que os países europeus que mais se aproximam do Brasil culturalmente são: Itália, Portugal, Espanha, e são países com línguas latinas (grupo 1). Nesse sentido, é provável que os estudantes desses países se adaptem com mais facilidade ao jeitinho brasileiro. Por sua vez, os demais países europeus, principalmente os países como Inglaterra, Países de Gales, Escócia, Alemanha e Irlanda, com línguas provenientes do anglo-saxão, estão mais próximos das categorias ativo-lineares e reativas, ou seja, mais distante do Brasil culturalmente.

O estudo de Hofstede et al. (2010) sobre dimensões culturais corrobora a tese de que estudantes provenientes de países de língua românica tendem a se adaptar com mais facilidade ao contexto brasileiro. Em sua análise, Hofstede evidencia que culturas de alta “distância de poder” aceitam e valorizam hierarquias, considerando-as fundamentais para a ordem social. Para identificar essas características, Hofstede aplicou o Values Survey Module (VSM), um questionário que capturou atitudes em relação à autoridade e à desigualdade social entre funcionários da IBM, empresa multinacional, e, posteriormente, em outros contextos. Seus resultados indicaram que, em culturas de alta distância de poder, as desigualdades de status são vistas como naturais, e que os indivíduos em posições de menor poder demonstram respeito aos superiores.

Esses valores são refletidos nas interações sociais e nas estruturas educacionais, onde a autoridade é amplamente respeitada, um traço cultural também presente na sociedade brasileira. Essa semelhança nas estruturas sociais e nos valores compartilhados facilita a adaptação de estudantes de países românicos, que se sentem mais familiarizados com a dinâmica hierárquica no Brasil. O estudo sugere que essa proximidade cultural não apenas facilita a integração desses alunos, mas também reduz o choque cultural que enfrentam ao ingressar no ambiente universitário brasileiro (Hofstede et al., 2010).

A PUC-Rio, em 1992, deu início ao processo de cooperação internacional e hoje tem convênios consolidados com mais de 130 universidades em todo o mundo recebendo, anualmente, estudantes e pesquisadores estrangeiros da graduação e da pós-graduação. No segundo semestre de 2024, a universidade recebeu, de acordo com a Coordenação Central de Cooperação Internacional (CCCI), um total de 370 alunos intercambistas. Deste total, 317 estudantes são procedentes da Europa, 37 da América do Norte, 13 da América Latina e o restante dos alunos de países asiáticos e africanos. O Centro Técnico Científico (CTC) conta com oito estudantes oriundos de países latino-americanos no programa de pós-graduação.

Em geral, os alunos de graduação aplicam para um semestre, com exceção dos estudantes da Alemanha e da França, que fazem a dupla diplomação e, por esta razão, podem ficar por um período de até dois anos. No caso dos alunos de pós-graduação, o tempo de permanência pode ser de dois a quatro anos.

A coordenação central de Cooperação Internacional informou-nos que o total de alunos europeus aceitos neste semestre é de 317 no total. Nos quadros abaixo, informamos o número de alunos de cada país em função da divisão de grupos proposta acima.

Quadro 1 - Quantidade de alunos oriundos de países de língua românica

País	Quantidade
Espanha	14
França	107
Itália	16
Portugal	100
Romênia	1
Total	238

Fonte: Dados fornecidos pela Coordenação Central de Cooperação Internacional da PUC-Rio.

Quadro 2 - Quantidade alunos de origem de língua anglo-saxônica

País	Quantidade
Alemanha	30
Áustria	2
Bélgica	3
Bósnia e Herzegovina	1
Dinamarca	9
Holanda	9
Hungria	1
Letônia	1
Noruega	3
Polônia	1
Reino Unido	8
República Tcheca	1
Suécia	3
Suíça	7
Total	79

Fonte: Dados fornecidos pela Coordenação Central de Cooperação Internacional da PUC-Rio.

Para melhorar a adaptação social e cultural dos estudantes intercambistas que estudam em universidades brasileiras, deve-se levar em consideração dimensões que aproximem os estudantes à

cultura brasileira. O uso de estratégias do jeitinho brasileiro pode facilitar para os estudantes europeus terem uma adaptação cultural e social mais rápida e fluida. As universidades brasileiras poderiam aproveitar estas estratégias para desenvolver programas de integração e apoiar estudantes de diferentes origens culturais. O jeitinho brasileiro pode ser uma ferramenta poderosa para a adaptação social e cultural dos estudantes europeus às universidades brasileiras, porém sua eficácia parece depender da familiaridade prévia com práticas culturais semelhantes.

O objetivo desta pesquisa foi buscar evidências que demonstrem qual o grupo de estudantes intercambistas europeus apresenta maior proximidade com o jeitinho brasileiro e, conseqüentemente, apresenta maior facilidade à adaptação cultural do Brasil. Foram escolhidos dois grupos de alunos intercambistas europeus da PUC-Rio, provenientes de língua de origem românica e anglo-saxônica, para a realização desta pesquisa. Foi formulada a hipótese de que estudantes provenientes de países europeus de língua românica têm maior nível de Jeitinho Brasileiro quando comparado aos estudantes de países europeus de língua anglo-saxônica, devido à proximidade linguística e cultural. De modo específico, buscou-se comparar o nível do jeitinho brasileiro, em suas três dimensões: corrupção, quebra de normas sociais e criatividade.

2 METODOLOGIA

2.1 PARTICIPANTES

Participaram, dessa pesquisa, 53 estudantes estrangeiros que chegaram no segundo semestre de 2024 para estudar na PUC-Rio, sendo 35% do gênero masculino, 60% do gênero feminino e 5% preferiram não informar. Os participantes foram divididos em dois grupos: Grupo 1 - estudantes intercambistas europeus de países de língua românica (60%), e Grupo 2 - estudantes intercambistas europeus de países de língua anglo-saxônica (40%). Esses participantes estavam inscritos em cursos de graduação e pós-graduação desde agosto de 2024, os quais: 18 estudantes do curso de relações internacionais, 11 de Engenharia, 5 de Administração, 3 de Arquitetura e 3 de Ciências Políticas, 2 de Design, 2 de Marketing e 1 de Criminologia, Matemática, Letras, Jornalismo, Psicologia, Línguas e Filosofia. No que tange à fluência da língua portuguesa, participaram 26 alunos de nível iniciante, 21 de intermediário e 6 avançados. Os critérios de inclusão foram: ser maior de 18 anos, ser europeu de um país com língua românica ou anglo-saxônica e estar matriculado na PUC-Rio.

2.2 INSTRUMENTOS

Foi utilizada a Escala do Jeitinho Brasileiro (Ferreira et al., 2011) composta por três dimensões: a criatividade do brasileiro, a quebra de norma social e a corrupção. O instrumento compõe-se de 19 itens, a serem respondidos em uma Escala Likert de 11 pontos, variando de 0 (“Não completamente característico”) a 10 (“Comportamento completamente característico”). O primeiro, nomeado de

“corrupção”, agrupa seis cenários; o segundo “criatividade”, nove; e o último, “quebras de normas sociais”, seis. Exemplo de item: “Carla não conseguiu se organizar ao longo do semestre e, na época de avaliações, há um conteúdo muito grande a ser estudado. Dias antes da prova, lembra que a ementa da disciplina inclui um livro muito grande, que não terá tempo de ler. Assim, antes da prova, Carla lê o resumo encontrado na internet, para ao menos se inteirar do conteúdo do livro”.

Além da escala, utilizou-se um questionário sociodemográfico para buscar informações sobre a amostra. Este questionário abordou as seguintes variáveis demográficas: faixa etária, gênero, origem, escolaridade, o curso de graduação ou pós-graduação e o nível de fluência da língua portuguesa.

2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram apurados em sala de aula, conforme os horários cedidos pelos participantes voluntários, além de terem sido enviados através do *google forms* para que fossem respondidos e após apurados. Inicialmente, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Conforme a aceitação, aplicou-se o formulário, com uma linguagem apropriada de acordo com o nível de fluência do voluntário: o caráter voluntário da participação, os objetivos da pesquisa, os procedimentos aos quais foram submetidos e como as informações recolhidas serão utilizadas.

2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas, para caracterizar a amostra e inferenciais. Para tanto, os grupos de países de língua de origem românica e de língua de origem anglo-saxão, foram comparados por meio do teste T amostras independentes, no *software* Jasp.

2.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética por se tratar de um estudo apenas para uma disciplina de Graduação. Entretanto, a investigação seguiu com todos os preceitos éticos estabelecidos para uma pesquisa com seres humanos. O processo de consentimento dos participantes aconteceu mediante a sua aceitação contida no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O aceite ocorreu no momento em que os participantes se tornaram completamente cientes do objetivo da pesquisa. Esse procedimento de autorização concorda com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes foram informados sobre o objetivo do projeto, os possíveis benefícios, riscos e procedimentos da pesquisa, bem como sobre o caráter voluntário da pesquisa. Àqueles que optaram voluntariamente por participar do estudo expressaram a concordância com o termo disponível on-line no Google Forms e, em seguida, forneceram as respostas aos itens das escalas, que, ao final, foram gravadas e enviadas para a base de dados da pesquisa. Aceitou-se somente os respondentes que concordaram em participar da pesquisa, por meio da anuência do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido. O participante foi orientado a salvar uma cópia deste documento. O sigilo acerca das informações prestadas, foi assegurado a todos os participantes.

3 RESULTADOS

Com o intuito de verificar qual dos grupos de estudantes intercambistas europeus, provindos de países de língua de origem românica e de língua anglo-saxônica, matriculados na PUC-Rio, demonstram maior proximidade com o “jeitinho brasileiro”, no que tange às dimensões de Corrupção, Criatividade e Quebras de Normas Sociais, procedeu-se ao teste de comparação de amostras independentes. Na dimensão corrupção, o pressuposto da normalidade foi violado. Nesse sentido, foi utilizado o teste de U Mann-Whitney. Os resultados do teste de U Mann-Whitney, ($U=417,50$; $p>0,05$) indicaram que não houve diferença significativa.

Foi verificado, ainda, que o pressuposto da normalidade para a dimensão de criatividade não foi violado, foi utilizado o teste t de Student. Outrossim, os achados indicaram que as amostras apresentaram homogeneidade. Os resultados do teste t de Student para amostras independentes ($t=0,59$; $p>0,05$) indicaram que não têm diferença significativa entre os grupos.

Por fim, foi conferido que o pressuposto da normalidade da dimensão de quebra de normas sociais não foi violado, foi utilizado o teste t de Student. Outrossim, os achados indicaram que as amostras apresentaram homogeneidade. Os resultados do teste t de Student para amostras independentes ($t=0,54$; $p>0,05$) indicaram que não há diferença significativa entre os grupos.

Apesar de não ter tido diferença significativa nos grupos nas três dimensões do jeito brasileiro, conforme pode-se observar na Tabela 1, as médias dos estudantes dos países de língua de origem românicas foram mais altas, quando comparadas com as médias dos países de origem anglo-saxônica.

Tabela 1 - Resultados do teste de comparação de amostras

Dimensão	Grupos	Médias	T ou U	p	Cohen's D
Corrupção	Românicos	6,303	$U = 417,500$	0,140	0,243
	Anglo-Saxão	5,722			
Criatividade	Românicos	6,304	$t = 0,598$	0,553	0,168
	Anglo-Saxão	6,075			
Quebras de Normas Sociais	Românicos	6,364	$t = 0,542$	0,591	0,152
	Anglo-Saxão	6,088			

4 DISCUSSÃO

O objetivo do presente trabalho foi analisar se os estudantes provenientes de países europeus de língua românica têm maior proximidade no comportamento cultural com a realidade brasileira, em comparação com estudantes de países europeus de língua anglo-saxônica, devido à maior proximidade

linguística e cultural. Todavia, os achados ora obtidos evidenciaram que não houve diferença significativa entre os grupos, embora, as médias dos países de língua de origem românicas tenham sido ligeiramente mais altas.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a hipótese do presente trabalho não foi aceita. Tal fato pode ser justificado pelo tamanho da amostra insuficiente, já que correspondeu menos que a metade de alunos intercambistas na PUC-Rio. Além disso, presume-se que tenha participado da pesquisa um número maior de alunos franceses, os quais representam quase a metade do total de intercambistas. E segundo o Lewis (2006), observa-se que os alunos franceses, mesmo sendo provenientes de um país de língua românica, encontram-se na terceira posição da figura em relação à proximidade cultural brasileira, enquanto o grupo de alunos italianos, portugueses e espanhóis situa-se na primeira posição. Nesse sentido, é mais provável que os estudantes desses países se adaptem com mais facilidade ao contexto cultural e ao “jeitinho brasileiro”.

Outrossim, Belletti (2017) argumenta que práticas sociais que buscam soluções alternativas para problemas e normas são comuns em várias culturas; no entanto, o que distingue o jeito brasileiro é o valor simbólico que ele assume na sociedade brasileira, onde é considerado um elemento característico da identidade nacional. Esse entendimento é corroborado pela pesquisa de Barbosa (2006) a qual mostra que a expressão “jeitinho brasileiro” é amplamente reconhecida e usada por diferentes segmentos da população brasileira. A autora enfatiza que o jeito se manifesta como uma maneira especial de resolver problemas, frequentemente envolvendo criatividade, improvisação e a busca por relações pessoais.

Contudo, Belletti (2017) reconhece que o jeito não é uma característica exclusiva do Brasil, já que formas de contornar regras e buscar soluções alternativas podem ser encontradas em diversas partes do mundo, motivadas por aspectos políticos ou pela necessidade de adaptação a circunstâncias inesperadas. Nesse contexto, é fundamental lembrar que a comparação entre culturas é um processo complexo, que requer cuidado para evitar generalizações e estereótipos. Cada cultura deve ser analisada em suas particularidades, levando em conta seus aspectos históricos, sociais e linguísticos.

Pimentel (2009) argumenta que o “jeitinho brasileiro” surge da incompatibilidade entre as instituições formais, importadas de modelos externos, e o ambiente informal brasileiro, caracterizado por valores tradicionais e antigos que não se ajustam aos valores modernos do capitalismo. Em sua análise, a autora compara a formação do capitalismo na Europa com o desenvolvimento do Brasil, afirmando que o país não assimilou plenamente os valores modernos do capitalismo. Foi visto que, ao longo da formação histórica do Brasil, principalmente durante a colonização portuguesa, ficaram entranhados os valores tradicionais e antigos na cultura. Além disso, ela discutiu a moral do trabalho no Brasil, destacando que a herança ibérica e a ausência da Reforma Protestante resultaram em uma

aversão ao trabalho regular e às atividades utilitárias. Essa visão reforça a ideia de que o “jeitinho brasileiro” é uma resposta à incompatibilidade entre instituições formais e o ambiente informal.

O “jeitinho” é definido como uma forma de lidar com a burocracia e as regras formais, utilizando relações pessoais e buscando exceções para contornar obstáculos. O capitalismo pode ser considerado um dos aspectos que explicam a diferença cultural entre países de origem latina e anglo-saxões, especialmente quando analisado sob uma perspectiva neo-institucionalista (Pimentel, 2009). Ainda conforme a autora, a interação entre as instituições formais e o ambiente informal é capaz de moldar a cultura e o desenvolvimento de uma sociedade, sugerindo que essa tensão influencia a forma como o Brasil se relaciona com o capitalismo.

Na Europa Anglo-Saxônica e na França, movimentos como a Reforma Protestante, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial promoveram a formação do capitalismo, caracterizado pelo trabalho árduo, pela busca pelo lucro, pela racionalidade, pelo individualismo e pela meritocracia. A ética protestante, em particular, reforçou a ideia do trabalho como aptidão e da acumulação de capital como sinal de bênção divina. A França, por outro lado, embora compartilhe de alguns aspectos do capitalismo europeu, possui uma tradição de forte intervenção estatal na economia e na sociedade, o que favoreceu a criação de um sistema de bem-estar social e a regulamentação do mercado. A presença de um Estado forte e de instituições sólidas funciona como um contraponto ao “jeitinho”, restringindo o espaço para esse tipo de prática (Pimentel, 2009).

Em contraste, a Península Ibérica se manteve afastada desses movimentos, preservando uma cultura mais tradicional e hierárquica, o que influenciou diretamente a formação cultural de suas colônias, como o Brasil (Pimentel, 2009). Assim, o capitalismo, ao ser implementado em diferentes contextos culturais, moldou-se de maneiras diversas, acentuando as diferenças entre as culturas anglo-saxônica e românica. A ética protestante, o Estado de Direito e a impessoalidade das leis moldaram o capitalismo anglo-saxão, enquanto no Brasil, o patrimonialismo, a informalidade e o personalismo influenciaram a forma como o capitalismo se desenvolveu, resultando por exemplo, no “jeitinho brasileiro”.

Ainda conforme Pimentel (2009), o “jeitinho brasileiro” pode, então, ser visto como uma síntese das diferenças culturais entre países de origem românica e anglo-saxões. Ele representa a busca por soluções alternativas dentro de um sistema formal frequentemente percebido como rígido e distante da realidade social. A informalidade, a flexibilidade e a criatividade associadas ao “jeitinho” contrastam com a rigidez e a impessoalidade geralmente atribuídas à cultura anglo-saxônica. No entanto, é importante lembrar que a cultura é um fenômeno complexo e em constante transformação.

De forma semelhante, o estudo de Wachelke e Prado (2017) preconiza que o “jeitinho brasileiro” é um ritual de adaptação cultural que reflete o encontro entre a cultura personalista e hierárquica do Brasil e o individualismo moderno ocidental. Nesse sentido, sugere-se que o “jeitinho”

envolve a mobilização de capital social, ou seja, o uso de relações pessoais para obter vantagens, o que tende a beneficiar principalmente as classes mais altas. Essa prática está associada a uma cultura política personalista, em contraste com países como França, Inglaterra e Estados Unidos, onde há uma valorização da impessoalidade das leis e da igualdade perante a lei.

Nos países com cultura política pessoal, as regras são aplicadas com maior rigor e a influência pessoal é menos tolerada. A Revolução Francesa, por exemplo, consolidou os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, além da separação entre Igreja e Estado, contribuindo para uma cultura política laica e menos dependente de relações pessoais. Em países anglo-saxões e na França, o capital social tende a se manifestar através da meritocracia e da competência profissional, o que limita o “jeitinho” (Wachelke & Prado, 2017).

Por sua vez, os conceitos apresentados no estudo de Hofstede (2010), sobre dimensões culturais e a alta “distância de poder” nas culturas românicas, fornece uma base teórica que corrobora a tese de que estudantes de países de língua românica tendem a se adaptar com mais facilidade ao contexto brasileiro, especialmente em virtude da alta “distância de poder” característica dessas culturas. Hofstede (2010) define “distância de poder” como a medida em que menos poderosos aceitam e valorizam a hierarquia e as desigualdades sociais. Culturas que apresentam alta distância de poder, como as de muitos países românicos (por exemplo, Portugal, Espanha e Itália), tendem a ver as desigualdades de status como naturais e a respeitar a autoridade, o que se alinha com a dinâmica social brasileira. Ao aplicar o Values Survey Module (VSM), Hofstede observou que em culturas de alta distância de poder, as interações sociais e as estruturas educacionais são marcadas pelo respeito à autoridade. Essa característica é igualmente presente na sociedade brasileira, onde as hierarquias são frequentemente aceitas e legitimadas.

Por outro lado, tendo como base a teoria dos tipos culturais de Lewis (2006), o Brasil se localiza à direita do vértice do triângulo na classificação multiativa indicando uma tendência à cultura reativa. Como resultado, os brasileiros podem ser classificados como multiativos-reativos, refletindo uma natureza híbrida fazendo com que a cultura brasileira se distancie da formalidade francesa, preferindo a adaptação e a improvisação para atender às demandas sociais (Paranhos, 2011).

A França, por sua vez, ficaria distante do “jeitinho brasileiro” devido a uma combinação de características lineares-ativas e multiativas, com uma forte tradição de intervenção estatal e valorização das instituições formais. Embora a cultura francesa valorize relacionamentos interpessoais, o que a aproxima das culturas multiativas, ela também possui uma estrutura de regras e regulamentações robustas, além de uma história de forte intervenção do Estado na economia e na sociedade. Essa tradição de intervenção moldou uma sociedade onde o Estado e as instituições têm uma presença central e reguladora, limitando o espaço para soluções informais ou improvisadas como o “jeitinho”

(Paranhos, 2011). Essa constatação reforça a ideia de que vários elementos podem influenciar na interculturalidade de um país, ainda que as raízes linguísticas sejam as mesmas.

Em vez de buscar soluções alternativas fora das regras, como ocorre no Brasil, a França adota um sistema de regulamentação que valoriza a conformidade e a padronização, funcionando como um contrapeso à informalidade. Além disso, a cultura francesa tende a valorizar o debate e a argumentação racional, preferindo uma abordagem estruturada para resolver problemas. Mesmo quando as regras são questionadas, o processo é mais formalizado e visa estabelecer precedentes legais, em contraste com a abordagem brasileira, que frequentemente recorre à flexibilidade e às relações pessoais. (Paranhos, 2011).

As diferenças entre países de origem latina e anglo-saxões vão além da influência do capitalismo, abrangendo a história, as religiões, a política e a geografia, o que adiciona nuances e exceções dentro de cada grupo cultural. Por fim, o presente estudo apresentou algumas limitações, como não perguntar o país de origem, focando apenas na origem linguística, o que limita a generalização dos resultados e pode ter culminado no enviesamento do mesmo, dado a alta quantidade de franceses inscritos na PUC-Rio. Além disso, foi utilizada uma escala de autorrelato, podendo-se trazer ainda, outras escalas, como a de avaliação da motivação do aluno. Em adição, a pesquisa foi coletada num período curto.

Como sugestão de estudos futuros, podem ser realizadas investigações que avaliem o país de origem e que considerem outros aspectos culturais, além da origem da língua. Além disso, um estudo longitudinal que meça o fato do estudante intercambista se encontrar mais tempo no Brasil pode fornecer um panorama maior a respeito da adaptação cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo traz importantes reflexões acerca da perspectiva intercultural e origem linguística geográfica. Ainda que muitos estudos indiquem que a relação entre língua e cultura seja inseparável, percebe-se que há determinantes importantes nessa relação, como o histórico político, econômico e até mesmo religioso. Uma vez que foram apresentadas evidências de que há uma complexidade da adaptação cultural de estudantes estrangeiros ao “jeitinho brasileiro”, identificando que, embora a hipótese inicial sugerisse uma adaptação mais fácil para estudantes de países de língua românica em comparação com aqueles de língua anglo-saxônica, os resultados não confirmaram essa expectativa. As diferenças nas três dimensões do “jeitinho brasileiro” - corrupção, criatividade e quebra de normas sociais - foram estatisticamente não significativas, indicando que outros fatores influenciam a adaptação.

Apesar de algumas limitações encontradas, o presente estudo contribuiu para a compreensão do papel simbólico do “jeitinho” e da sua manifestação como uma solução cultural única. Concluiu-

se, portanto, que pesquisas futuras sejam realizadas para diversificar a literatura, assim como, para desenvolver uma abordagem de pesquisa que já leve em consideração as limitações apresentadas neste estudo que ampliariam a compreensão das variações culturais e do efeito do “jeitinho” na experiência de adaptação em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. O jeitinho brasileiro: A arte de ser mais igual que os outros. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
- DAMATTA, R. O que é o Brasil? 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.
- BELLETI, T. d. F. M. “O jeito era dar um jeito”. A análise do conceito de jeitinho brasileiro em crônicas nacionais: uma perspectiva intercultural com aplicabilidade para o ensino de português LE/L2. 2017. Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/1512050_2017_completo.pdf. Acesso em: 28 fev. 2025.
- FLACH, L. O jeitinho brasileiro: Analisando suas características e influências nas práticas organizacionais. *Revista Gestão & Planejamento*, v. 13, n. 3, p. 499-514, 2012. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/viewFile/1197/1852>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- FERREIRA, M. C.; FISCHER, R.; PORTO, J. B.; PILATI, R.; MILFONT, T. L. Unraveling the mystery of Brazilian jeitinho. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 38, n. 3, p. 331–344, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/0146167211427148>.
- GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books, 1973.
- HOFSTEDE, G. *Culture's Consequences: Comparing Values, Behaviors, Institutions, and Organizations Across Nations*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2010.
- HOFSTEDE, G.; HOFSTEDE, G. J.; MINKOV, M. *Cultures and Organizations: Software of the Mind*. 3. ed. New York: McGraw-Hill, 2010.
- LEWIS, R. D. *When Cultures Collide*. 3. ed. Oxford: Blackwell, 2006.
- COORDENAÇÃO CENTRAL DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DA PUC-RIO. Quantidades de alunos europeus intercambistas inscritos no segundo semestre de 2024 na PUC-Rio, 2024.
- PARANHOS, M. L. Welcome to PUC-Rio!: um estudo sobre alunos internacionais e interação cultural sob a perspectiva do design. 2011. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, Rio de Janeiro. DOI: <https://doi.org/10.17771/pucRio.acad.17531>.
- RÉGIA, A. Processo de adaptação cultural de estudantes em situação de mobilidade acadêmica internacional: um estudo de caso na Universidade Federal do Ceará (UFC). 2018. Monografia apresentada ao curso de Administração. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/37061>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- WACHELKE, J.; PRADO, A. M. A ideologia do jeitinho brasileiro. *Psicologia e Saber Social*, v. 6, n. 2, p. 146-162, 2017. DOI: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.31400>.